
História da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngüe

Jean Delisle

Traduzido do francês por Fernando Afonso de Almeida

Resumo

A partir da idéia de que cada época traduz de uma maneira peculiar, pretende-se neste artigo ressaltar a importância de uma disciplina de história da tradução no curso de formação de tradutores. Para tanto são listadas algumas das inúmeras funções que podem ser atribuídas à tradução.

Palavras-chave: História da tradução. Funções. Formação de tradutores.

Interesse pela história da tradução

Uma formação universitária em tradução estaria incompleta sem uma disciplina de história da tradução. E isso por inúmeras razões. A tradução – englobando aqui a forma oral dessa atividade, a interpretação – é um ofício que vem sendo praticado há milênios em circunstâncias muito variadas. Por conseguinte, conhecer as condições de exercício dessa atividade de comunicação intermediada tal como foi praticada e pensada no passado pode seguramente contribuir para uma compreensão mais aprofundada da natureza do trabalho do tradutor. Estudando a história da tradução percebe-se rapidamente que traduzir é muito mais do que passar a mensagem de uma língua para outra. O tradutor não é apenas um técnico.

O estudo da história da tradução, segundo Lieven D’Hulst (1994, p. 12-13), apresenta pelo menos cinco pontos positivos para a tradutologia, quais sejam :

1. “A história da tradução constitui uma excelente via de acesso à disciplina”, pois torna conhecidos os grandes tradutores do passado, sua concepção de tradução, seus escritos, as razões que os levaram a traduzir esse ou aquele texto. A história da tradução é para a tradutologia o que a história literária é para a literatura : por meio de informações e documentos, oferece um panorama crítico da disciplina.
2. “A história da tradução fornece ao pesquisador a flexibilidade intelectual necessária para que ele possa adaptar suas idéias a novas maneiras de pensar”. De pensar a relação com a língua, o poder, a literatura, o Outro. A “experiência do estranhamento” nem sempre acontece por si mesma.
3. A história da tradução conduz a uma maior tolerância em relação a maneiras enviesadas de encarar os problemas de tradução”. Não seria correto pensar que sempre se traduziu do mesmo modo no decorrer dos séculos. Como a literatura, a tradução teve escolas, correntes, sectarismos bem como querelas em torno da melhor maneira de traduzir.
4. “A história da tradução representa um meio quase único de unificar a disciplina aproximando o passado e o presente, e mostrando paralelismos e afinidades existentes entre tradições relativas ao modo de pensar ou a práticas divergentes”. O passado e o presente não são compartimentos estanques e, na busca da singularidade, o historiador se contrapõe às forças que tendem à uniformização, à massificação, às fórmulas prontas que a sociedade moderna procura impor.
5. Por fim, “a história da tradução oferece aos tradutores a possibilidade de se revigorar a partir de modelos passados”. Esse revigoreamento pode conduzi-los a modificar suas estratégias de tradução ou ainda a fazê-los descobrir novas estratégias.

A enumeração desses cinco pontos positivos não apenas para o pesquisador mas igualmente para o tradutor sugere de que forma a história é incontornável do ponto de vista dos fundamentos epistemológicos da disciplina. A história da tradução ocupa um lugar importante na tradutologia por várias outras razões.

Uma dessas razões, crucial a nosso ver, é levar à descoberta das múltiplas *funções históricas* da tradução. A finalidade principal da tradução sempre foi e será dar acesso às produções estrangeiras (textos literários ou não). Qualquer que seja a língua, sempre haverá menos leitores capazes de ler a versão original de uma obra do que leitores potenciais dessa obra. As traduções dispensam da leitura do original paliando nossa ignorância em relação às línguas estrangeiras. Em todos os domínios da atividade humana, a tradução tem sido um poderoso fator de progresso.

Assim, a história da tradução nos ensina que a essa dupla função, *instrumental e mediadora* (dar acesso a uma obra estrangeira), se acrescentam muitas outras. A tradução pode ter dezenas de outras funções de acordo com a natureza dos textos traduzidos, o contexto histórico, as linhas de pensamento dominantes ou as circunstâncias que cercam sua tradução. Eis alguns exemplos dessas funções:

- **Uma função genética.** Os tradutores contribuem para modelar uma língua ainda em gestação. Basta pensar ao nascimento das línguas vernáculas na Idade Média.
- **Uma função estilística.** Os tradutores contribuem para enriquecer os meios de expressão de uma língua ao introduzir novas estruturas sintáticas, novos efeitos por mimetismo com uma outra língua.
- **Uma função literária.** Os tradutores importam gêneros literários desconhecidos na literatura receptora. Basta citar Chaucer (1340-1400) que introduziu na literatura inglesa, aclimatando-os, a balada, o romance, o romance em verso, as narrativas populares dos Flandres e as fábulas protagonizadas por animais.
- **Uma função interpretativa.** Cada uma de suas sucessivas traduções revela novas facetas de uma mesma obra. As retraduições constituem releituras atualizadas de uma obra, o que levou um tradutor contemporâneo de Dostoievski, André Markowicz (1991, p. 211), a dizer que "um autor estrangeiro é a soma de todas as suas traduções, passadas, presentes e futuras".
- **Uma função formadora.** A prática da tradução serviu de treinamento a numerosos autores, para os quais ela foi uma verdadeira lição de estilo. Autores como Rivarol, Gide, Tournier e tantos outros confessaram ter praticado a tradução para aprender a profissão de escritor.
- **Uma função identitária.** O conjunto da obra dos tradutores, em uma dada época da história de um povo, pode alimentar

a consciência identitária desse povo, despertar o fervor nacionalista, desenvolver o sentimento patriótico. São inúmeros os exemplos dessa função.

- **Uma função paliativa.** A tradução é uma maneira sutil, sob um regime totalitário, por exemplo, de driblar a censura que condena os autores ao silêncio. É o caso da tradução subversiva praticada na ex-URSS ou na Itália fascista. A censura fascista propiciou o nascimento de uma verdadeira “ indústria ” da tradução que se tornou uma forma de atividade política, acalentando sutilmente o culto da América, símbolo da liberdade (LEFEVERE apud DELISLE; WOODSWORTH, 1995, p. 149-152).
- **Uma função democrática.** A tradução se tem revelado freqüentemente como um meio eficaz de vulgarização do conhecimento, como ocorreu no período medieval em que a tradução em língua vulgar, entre outras, contribuiu para quebrar o monopólio do clero e a minar seus privilégios.

Enumeramos brevemente apenas algumas das funções que a tradução vem assumindo ao longo da história. Separamos várias outras cuja lista fornecemos em anexo. E nosso inventário está longe de ser exaustivo. É inegável, com efeito, o interesse de que se reveste a história da tradução, esse ramo da tradutologia cujo objeto principal é o estudo, sob todos os aspectos, do fenômeno da tradução ao longo dos séculos. Esse fenômeno pode ser abordado de diversos pontos de vista : teórico, comparativo, cultural, literário, sociológico... Mas qualquer que seja o ângulo adotado para abordá-la, a história da tradução não pode ser escrita independentemente da história dos impérios, das culturas, das religiões, das literaturas, das ciências ou das relações comerciais. Disciplina-cruzamento, a tradução foi freqüentemente praticada no passado, por estranho que possa parecer, em cruzamentos – cidades ou países – onde culturas e povos se encontravam, se misturavam, se mesclavam.

Pode-se igualmente atribuir várias tarefas *específicas* à história da tradução. O historiador pode procurar saber desde quando se traduz e por que; quem o fez e para quem; quais foram as grandes capitais da tradução e por que, em tal época, cidades como Jundishapur (na Pérsia), Alexandria, Roma, Bagdá, Toledo foram o centro – cidades-cruzamento – de uma intensa atividade de tradução.

O historiador da tradução se permite igualmente penetrar na oficina do tradutor a fim de melhor conhecer esse artesão, indissociável de sua obra. O sujeito tradutor, assim como o escritor, carrega em si representações simbólicas de sua sociedade e o conhecimento desse sujeito é indispensável à interpretação e à compreensão das obras traduzidas. Esboçar o retrato de um tradutor é essencial à leitura e à compreensão de uma “ obra de tradutor ”, do mesmo modo que a biografia de um escritor nos informa sobre sua obra, dissipando certas imprecisões que a obscurecem. O tradutor, e *a fortiori* o tradutor literário, coloca em funcionamento, do mesmo modo que o escritor, um projeto de escritura, do qual a história da tradução traz múltiplas provas irrefutáveis.

O tradutor é o elo *vivo* entre o texto original e sua *reescritura criativa* através de uma outra língua.

Espera-se igualmente do historiador da tradução que proceda à definição de maneiras de traduzir, que ele proponha periodizações que possuam um valor explicativo ou pelo menos uma aplicação didática. Que ele repertorie os tratados que codificam as regras da arte de traduzir, se é que é possível reduzir a um punhado de regras a complexa arte da tradução.

Entre os inúmeros campos de pesquisa que atraíram até hoje o interesse dos historiadores da tradução, pode-se enumerar os seguintes (citamos uma ou duas obras a título de exemplo apenas) :

- Historiografia da tradução (D'HULST, 1995; PYM, 1998)
- História geral da tradução (BALLARD, 1992; KELLY, 1979; RENER, 1989; VAN HOOFF, 1991)
- História geral da interpretação (ROLAND, 1999)
- História de um tipo de interpretação (BAIGORRI JALÓN, 2000 – "Interpretação de conferência")
- História da tradução de um país particular (CRONIN, 1996 – Irlanda)
- História de um tipo de documento (MONTGOMERY, 2000 – documentos científicos)
- História de um dado período (CONTAMINE, 1989 – Idade Média)
- História da Bíblia (BOGAERT, 1991 – A Bíblia em francês)
- História das mulheres tradutoras (LOTBINIÈRE-HARWOOD, 1991)
- História da tradução automática (HUTCHINS, 2000)
- História temática escrita a partir das funções da tradução (DELISLE; WOODSWORTH, 1995)
- Biografias de grandes tradutores ou teóricos da tradução (CHRISTIE, 1886 – Étienne Dolet; GARNETT, 1991 – Constance Garnett)
- Estudo da maneira de traduzir em uma dada época (MOUNIN, 1994 – *Les belles infidèles*)
- Estudo sociocrítico da tradução (BRISSET, 1990b)
- Papel da tradução durante os períodos pós-colonialistas (SIMON; ST-PIERRE, 2000)
- Difusão das obras pela tradução
- Recepção de uma obra estrangeira em uma literatura nacional
- História de uma sociedade profissional de tradutores (DELISLE, 1990)
- Histórico de um grande órgão de tradução (DELISLE, 1984)
- Histórico de uma Escola de tradução e interpretação (DELISLE, 1981)
- Histórico de uma disciplina conexas à tradução (ex. : a terminologia)

O historiador da tradução procede igualmente à gênese do pensamento teórico. Esta é sem dúvida alguma sua mais importante contribuição à tradutologia. As ligações que unem a história e a teoria são muito estreitas. A teorização da prática da tradução tem sido até aqui mal historicizada e tem ficado isolada em seu empirismo. Por essa razão os teóricos modernos tentam lhe fornecer a dimensão histórica que lhe faltou. Cada vez mais numerosos são aqueles que pensam que toda reflexão teórica séria sobre a tradução deva ser feita em uma perspectiva histórica. Antoine Berman vê “*a constituição de uma história da tradução [...] como a primeira tarefa de uma teoria moderna da tradução*” (BERMAN, 1984, p. 12). Da mesma forma Henri Meschonnic (1999, p. 34) acredita que toda reflexão teórica da tradução é indissociável da história: “Sem história da tradução não há teoria, nem história sem implicar teoria”. Por sua vez, Susan Bassnett-McGuire reconhece também a importância da história nos estudos tradutológicos: “*No introduction to Translation Studies could be complete without consideration of the discipline in an historical perspective [...]*” (BASSNETT-MCGUIRE, 1991, p. 39).

Assim sendo, sem fazer da história da tradução a viga mestra da vasto edifício da tradutologia, é necessário reconhecer que essa disciplina tem o mérito de dar profundidade aos trabalhos teóricos contemporâneos. Pode-se dizer até mesmo que a história representa para a tradutologia o que a perspectiva representa para a arte pictórica: ela acrescenta uma terceira dimensão essencial à compreensão do complexo fenômeno da tradução. Ela permite “colocar em perspectiva” as noções teóricas, apresentá-las em todas as suas dimensões situando-as em um contexto mais amplo do que aquele delimitado por tal ou tal abordagem teórica. Ela torna possível igualmente a essencial recontextualização das obras originais e traduzidas. A perspectiva histórica oferece a melhor proteção contra as explicações simplistas, as definições econômicas, as conclusões apressadas. Ela coloca o pesquisador a salvo de toda forma de dogmatismo.

Dois curtos exemplos ilustrarão como a história da tradução pode contribuir a combater certos preconceitos causados pela ignorância ou pelo desconhecimento do passado. Os historiadores, entre eles Jean Stéfani (1971), mostraram que os primeiros métodos dedicados à aprendizagem da tradução remontam ao século XVII, mais precisamente às *Regras da tradução* de Gaspard de Tende (1660). Os primeiros manuais de tradução não datam portanto da metade do século XX, como sugeriu Georges Mounin (1960, p. 46) que, saudando a publicação da *Stylistique comparée du français et de l'anglais* de Jean-Paul Vinay et Jean Darbelnet, escreveu: “[...] essa obra é sem dúvida o primeiro tratado de tradutologia”. No entanto, o autor das *Belles infidèles* conhecia muito bem a história da tradução literária na França, mas aparentemente não tão bem a história da didática da tradução, domínio ainda demasiadamente desconhecido, convém dizer para desculpá-lo. O sentimento de novidade era decorrente evidentemente de um conhecimento imperfeito da história da tradução.

O segundo exemplo traz a prova de que o estudo do passado, no caso específico a biografia de um tradutor ou de uma tradutora, pode abalar certas idéias recebidas, sobre a invisibilidade do tradutor,

por exemplo. Nosso colega Michael Cronin esboçou o retrato da mãe de Oscar Wilde, Jane Francesca Elgee (1821-1896), cujas traduções de Meinhold, Dumas, Lamartine et Canz serviram à causa nacionalista irlandesa. Jane publicou a maior parte de suas traduções protegida pelo anonimato, do mesmo modo que bom número de tradutoras e de tradutores antes e depois dela. O autor do retrato nos lembra muito a propósito que é perigoso, em história da tradução, denunciar sem nuançar a invisibilidade dos tradutores. Essa invisibilidade pode ser perfeitamente deliberada e assumida pelo tradutor quando ela faz parte de um estratagema destinado a atingir um objetivo preciso: tomar a palavra, por exemplo, sob um regime totalitário, ou ainda protestar contra a atitude arrogante de um grupo lingüístico majoritário que impõe suas vontades a uma minoria.

Procedendo à gênese do pensamento teórico, o historiador da tradução informa o teórico ao mesmo tempo sobre a gênese da metalinguagem da tradução, sobre as correntes de opinião que se sucederam ou coexistiram ao longo de um dado período no que diz respeito à melhor maneira de traduzir. A exploração histórica facilita a conceitualização do campo tradutológico e a classificação dos fatos ligados à reflexão sobre a tradução e sua prática. Recolhendo junto aos tradutores de ontem as noções teóricas presentes em estado latente em seus escritos, o historiador não deixa de descobrir que existe o que Jean-Paul Vinay chamou de "universais da tradução" (VINAY, 2002, p. 10). Cícero e São Jerônimo desencadeiam no Ocidente a reflexão sobre a noção de *fidelidade* e esboçam desde então a teoria da *tradução transparente* ou como se diz mais comumente hoje, da *tradução para o público-alvo*; Horácio coloca o problema da *modulação*; Jean d'Antioche et Jacques Amyot, o das *variantes estilísticas*; quanto a Joachim du Bellay, ele depreende a noção de *lacuna* e formula a regra da *compensação* no prefácio de sua tradução do quarto livro da *Eneida* (1552); por sua vez, Pierre-Daniel Huet disserta sobre a noção de *adaptação*, enquanto Étienne Pasquier aborda o espinhoso problema dos *limites da tradução* ou, em outros termos, da *intraduzibilidade*. Enfim, é em Victor Hugo (1973) que se deve buscar, ao que parece, uma das primeiras menções à *tradução-introdução*, noção retomada por certos teóricos modernos.

Ao se aceitar que a prática da tradução e seu ensino fazem intervir um conjunto de conceitos e de procedimentos, e que a teoria pode ser útil, entre outras coisas, para "fornecer ao tradutor o domínio desses conceitos e procedimentos [...] ensiná-lo a nomeá-los, como qualquer técnico apreende o nome de seus instrumentos e das operações que efetua" (BRISSET, 1990a, p. 240), avalia-se assim toda a importância da gênese histórica para definir a metalinguagem da tradução. Descobre-se, então, que a reflexão teórica tem suas raízes plantadas em um tempo distante.

Ao descer aos "alicerces históricos" da reflexão sobre a arte de traduzir, o teórico toma consciência da extrema relatividade da maneira de traduzir, e descobre que motivos de toda ordem levaram

os tradutores de outrora a jurar fidelidade, ora ao sentido, ora à forma do texto estrangeiro, quando não aceitaram o difícil desafio de conciliar os dois. Quando leva em consideração a dimensão histórica da tradução, o teórico é obrigado a abandonar suas construções baseadas unicamente na comparação de equivalências lingüísticas e a aplicar à sua reflexão a fórmula sociolingüística bem conhecida : QUEM traduz O QUÊ, PARA QUEM, QUANDO, ONDE, POR QUE e EM QUE CIRCUNSTÂNCIAS. Essa é, a nosso ver, a maior contribuição da história da tradução ao edifício ainda em construção dos estudos tradutológicos. A título de conclusão, gostaríamos de enumerar alguns objetivos de aprendizagem que se pode atribuir a um curso de introdução à história geral da tradução.

1. Proporcionar um **panorama** da história da tradução, principalmente no Ocidente e no Oriente Médio.
2. Apresentar algumas das grandes **figuras** da profissão em diversas épocas, em particular, os codificadores que publicaram regras, princípios ou tratados de tradução.
3. Apresentar algumas **concepções** de tradução e seus autores.
4. Definir **períodos** caracterizados por uma maneira particular e dominante de traduzir.
5. Ressaltar o **papel** desempenhado pelos tradutores na história sociocultural de um povo.
6. Mostrar a contribuição dos tradutores na gestação e criação de **alfabetos, línguas e literaturas** nacionais.
7. Mostrar que os tradutores contribuem para a **conservação** e a **difusão** do conhecimento.
8. Expor o papel crucial dos tradutores na propagação dos **escritos religiosos**.
9. Assimilar as principais noções da metalinguagem da história geral da tradução: ex. : alteridade, anexação, "belles infidèles", cultura-alvo, disparate, retradução, cultura-fonte, tradução-apropriação, tradução desnaturalizante, tradução etno-cêntrica, lentes coloridas, etc.
10. Aprender a conhecer as principais **fontes documentais** em história da tradução.
11. Aprender a efetuar pesquisas em história da tradução.

Esses são os objetivos de nosso curso de "maîtrise" em história da tradução. Gostaríamos agora de descrever sumariamente o conteúdo de um *software*, batizado Didak, que concebemos e realizamos com a colaboração de um programador. Esse cd-rom multimídia et multilíngüe está em constante evolução. É ao mesmo tempo uma *ferramenta pedagógica* e uma *base de dados*. É muito mais do que um simples caderno de estudante eletrônico. Seu conteúdo, principalmente francês e inglês, reserva um lugar crescente ao espanhol e ao alemão. Além de um plano de curso detalhado e sugestões de trabalhos para estudantes, o cd-rom contém diaporamas sobre diversos períodos da história da tradução, livros completos (entre os quais a antologia de Paul A. Horguelin *Anthologie de la manière de traduire. Domaine français*), resumos

(abstracts) e resenhas, teses, artigos, cronologias, diversos repertórios de tradutores, traduções, perfil de tradutores e intérpretes, glossários, um dicionário biográfico, uma coletânea de citações sobre a tradução e sua história, volumosas bibliografias, um quadro com as principais noções de história da tradução, cerca de vinte e cinco testes contendo mais de duzentas e cinquenta perguntas de tipo objetivo com possibilidade de auto-avaliação e auto-correção e apresentações PowerPoint. Esse *software* comporta outras características, entre elas a possibilidade de impressão, uma função de busca em todos os módulos, um acesso direto à Internet e numerosos *menus* de ajuda *on line*. Para uma descrição detalhada de cada um dos módulos do cd-rom, remetemos ao nosso *site Web*: <<http://aix1.uottawa.ca/~jdelisle/index.htm>>.

Como utilizamos esse *software* em nosso seminário de história da tradução na Universidade de Ottawa? Recomendamos a nossos estudantes utilizá-lo da maneira seguinte:

1. ANTES de uma aula, aconselha-se aos estudantes assistir ao diaporama da lição lendo atentamente os textos e acompanhando as ilustrações e conclusões. O plano do curso, que consta igualmente do cd-rom em versões francesa e inglesa, indica a progressão seguida. Os estudantes devem também fazer as leituras indicadas na semana anterior: escolha de artigos ou capítulo(s) de livro. Muitos dos textos de leitura estão reproduzidos no cd (módulo "Tese, livros e textos).
2. APÓS o curso, recomenda-se responder as perguntas do teste relativo à aula que acaba de ser dada (módulo "Testes"). Os estudantes podem também, em caso de necessidade, rever as apresentações PowerPoint projetadas em aula (módulo "Plano e trabalhos").

Mencionemos, finalmente, que os estudantes sabem, desde a primeira aula, que seus trabalhos, desde que sejam de bom nível, serão transferidos para o cd-rom, o que favorece a produção de trabalhos de qualidade. No final do seminário, eles recebem uma atualização do cd na qual se encontram gravados seus trabalhos.

Abstract

Drawing on the belief that each specific time translates in a different way, this article aims at highlighting the importance of a discipline on the History of Translation in a Translator Development course. To this end, some of the various functions which can be attributed to translation are listed.

Keywords: History of translation. Functions. Qualification of translators.

Anexo

Outras funções históricas da tradução (lista não exaustiva)

- Exploradora.* Revelar as possibilidades encobertas de uma língua-alvo.
- Reatualizadora.* Modernizar obras antigas retraduzidas tornando-as novamente pertinentes.
- Analítica.* Tornar manifestas as estruturas ocultas de um texto submetido à crítica literária.
- Estética.* Renovar as formas de expressão.
- Cultural.* Enriquecer uma cultura de aportes estrangeiros diversos.
- Recuperadora.* Conservar obras cujos originais se perderam.
- Importadora.* Revelar a uma sociedade produções textuais estrangeiras.
- Exportadora.* Divulgar uma produção textual nacional no exterior.
- Barômetro.* Indicar as tendências editoriais de um país, sua abertura às culturas estrangeiras e sua autarcia cultural – índice de intradução mais ou menos elevado.
- Universalista.* Elevar certas grandes obras ao nível de obras internacionais e criar assim a literatura mundial.
- Seletiva.* Contribuir à fortuna das obras dignas de serem salvaguardadas.
- Disseminadora.* Divulgar o conhecimento, as doutrinas religiosas, etc.
- Patriótica.* Suscitar e entreter o fervor nacionalista.
- Sociopolítica.* Estabelecer um equilíbrio lingüístico, graças ao colingüismo, em países compostos de vários grupos lingüísticos.
- Purificadora.* Filtrar tudo o que poderia chocar um determinado público leitor, tendo em vista seu horizonte de expectativas.
- Transgressiva.* Introduzir em um território nacional obras proibidas a fim de desafiar as autoridades civis ou religiosas, os poderes estabelecidos.
- Renovadora.* Oferecer uma fonte de novas idéias ou novos modos de pensar.

Transformadora. Questionar as certezas de sua própria cultura ou seus próprios valores.

Pedagógica. Facilitar o acesso a certas obras difíceis, apresentando-as em versões simplificadas, como ocorreu no século XVII com certos tratados científicos simplificados em função dos aprendizes.

Referências

BAIGORRI JALÓN, Jesús. *La interpretación de conferencias: el nacimiento de una profesión.* In: _____. *De Paris a Nuremberg.* Grenade: Editorial Comares, 2000. (Interlingua, no. 14).

BALLARD, Michel. *De Cicéron à Benjamin: traducteurs, traductions, réflexions.* Lille: Presses Universitaires de Lille, 1992. (Étude de la traduction).

BASSNETT-McGUIRE, Susan. *Translation studies.* London: Routledge, 1991.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique.* Paris: Gallimard, 1984. (Les essais).

BOGAERT, Pierre-Maurice (Dir.). *Les Bibles en français: histoire illustrée du Moyen Âge à nos jours.* Brepols: Centre informatique et biblique de l'abbaye de Maredsous, 1991.

BRISSET, Annie. La théorie: pour une meilleure qualification du traducteur. In: CORMIER, Monique C. (Dir.). *Les acquis et les défis: actes du 2^e Congrès du Conseil des traducteurs et interprètes du Canada.* Montréal: CTIC, p. 235-243, 1990a.

BRISSET, Annie. *Sociocritique de la traduction.* Montréal: Le Préambule/Balzac, 1990b. (L'univers des discours).

CHRISTIE, Richard Copley. *Étienne Dolet: le martyr de la Renaissance: sa vie et sa mort.* Paris: Lib. Fischbacher, 1886.

CONTAMINE, Geneviève (Dir.). *Traduction et traducteurs au Moyen Âge: actes du colloque international du CNRS, Paris, Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, 26-28 mai 1986, Paris: Éditions du CNRS, 1989.*

CRONIN, Michael. Jane Wilde, ou, L'importance d'être Speranza. In: DELISLE, Jean (Dir.). *Portraits de traductrices.* Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, p. 267-289, 2002.

_____. *Translating Ireland: translation languages, cultures.* Cork: Cork University Press, 1996.

DELISLE, Jean. *Au cœur du triadique canadien: historique du Bureau des traductions du gouvernement canadien, 1934-1984.* Ottawa: Secrétariat d'État, 1984.

_____. *Les Alchimistes des langues: Société des traducteurs du Québec (1940-1990).* Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1990.

_____. Historique de l'enseignement de la traduction à l'Université d'Ottawa. *Revue de l'Université d'Ottawa*, Ottawa, v. 51, no. 3, p. 315-

- 327, 1981. In: DELISLE, Jean; LAFOND, Gilbert. *Histoire de la traduction*. Gatineau: École de traduction et d'interprétation, Université d'Ottawa, 2002. 1 CD-ROM. Edição restrita para fins de ensino, por J. Delisle, professor.
- DELISLE, Jean; LAFOND, Gilbert. *Histoire de la traduction*. Gatineau: École de traduction et d'interprétation, Université d'Ottawa, 2002. 1 CD-ROM. Edição restrita para fins de ensino, por J. Delisle, professor.
- DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (Dir.). *Les traducteurs dans l'histoire*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa; Paris: Éditions Unesco, 1995. (Pédagogie de la traduction).
- D'HULST, Lieven. Enseigner la traductologie: pour qui et à quelles fins? *Meta*, Montréal, v. 39, no 1, p. 8-14, 1994.
- _____. Pour une historiographie des théories de la traduction: questions de méthode. *TTR*, Montréal, v. 8, no 1, p. 13-33, 1995.
- GARNETT, Richard. *Constance Garnett. a heroic life*. London: Sinclair-Stevenson, 1991.
- HUGO, Victor. Les traducteurs, dans *William Shakespeare*. Introduction pour Bernard Leuilliot. Paris: Flammarion, 1973. (Nouvelle bibliothèque romantique).
- HUTCHINS, W. John (Dir.). *Early years in machine translation: memoirs and biographies of pioneers*. Amsterdam; Philadelphie: John Benjamins, 2000.
- KELLY, Louis G. *The true interpreter*. Oxford: Basil Blackwell, 1979.
- LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susane de. *Re-belle et infidèle: la traduction comme pratique de réécriture au féminin*. Montréal: Les Éditions du Remue-Ménage; Toronto: The Women's Press, 1991.
- MARKOWICZ, André. Note du traducteur. In: DOSTOIEVSKI, F. *Le joueur*. Nouvelle traduction d'André Markowicz. Arles: Actes Sud, p. 211-214, 1991.
- MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Paris: Éditions Verdier, 1999.
- MONTGOMERY, Scott L. *Science in translation: movements of knowledge through cultures and time*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- MOUNIN, Georges. Resenha da *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, de Jean-Paul Vinay et Jean Darbelnet, dans *Bulletin de la Société de Linguistique*, 1960, t. 55, fasc. 2, p. 46-50. Reimpressão em *Linguistique et traduction*, Bruxelles, Dessart et Mardaga, 1976.
- MOUNIN, Georges. *Les belles infidèles*. Lille: Presses universitaires de Lille, 1994. (Étude de la traduction).
- PYM, Anthony. *Method in translation history*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1998.
- RENER, Frederick M. *Interpretatio: language and translation from Cicero to Tytler*. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1989.

ROLAND, Ruth A. *Interpreters as diplomats: a diplomatic history of the rôle of interpreters in world politics*. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa, 1999. (Perspectives on translation).

SIMON, Sherry; ST-PIERRE, Paul (Dir.). *Changing the terms: translating in the Postcolonial Era*. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa, 2000. (Perspectives on translation).

STÉFANINI, Jean. Un manuel de traduction en 1660. In: BAUSCH, Karl-Richard; GAUGER, Hans-Martin (Dir.). *Interlinguistica: Sprachvergleich und Übersetzung*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 597-606, 1971.

TENDE, Gaspar de. *Règles de la traduction, ou moyens pour apprendre à traduire de latin en françois*. Paris: Damien Foucault, 1660. (Archives de la linguistique française, no 373).

VAN HOOFF, Henri. *Histoire de la traduction en Occident*. Paris; Louvain-la-Neuve: Éditions Duculot, 1991. (Bibliothèque de linguistique).

VINAY, Jean-Paul. Préface. *Anthologie de la manière de traduire* (c1981) de Paul A. Horguelin, 2^e éd. revista, corrigida e ilustrada. In: DELISLE, Jean; LAFOND, Gilbert. *Histoire de la traduction*. Gatineau: École de traduction et d'interprétation, Université d'Ottawa, 2002. 1 CD-ROM. Edição restrita para fins de ensino, por J. Delisle, professor.